

# Banda Sinfónica Portuguesa

20 Fev 2022  
12:00 Sala Suggia

Oswaldo Ferreira direção musical

---

**Camila Menino**

*Meligrania* (2021; c.11min)\*

**Jorge Ramos**

*Impasto* (2021; c.11min)\*

**Rodrigo Cardoso**

*Auge* (2021; c.10min)\*

**António Victorino d'Almeida\*\***

*Os Desastres da Guerra*

(sobre gravuras de Francisco Goya) (2021; c.18min)

---

## Anúncio dos resultados do Concurso

\*Obras finalistas do IX Concurso de Composição BSP (2021)

\*\*Compositor em Residência BSP 2021

Todas as obras em estreia mundial.

## Notas dos compositores

### Camila Menino: *Meligrania*

Para os seres vivos a biologia, para o 'além-céu' a astronomia, para a meligrana a meligrania. Partindo dessa premissa, surge este inexplorado estudo da meligrana, escrito para banda sinfónica — o estudo abstracto que prioriza evidenciar a relação imperativa entre o todo e as partes, entre o macro e micro.

Com forma tripartida, a obra é marcada pelo contraste evidente entre gestos contínuos e o súbito abalo de fragmentos curtos. Num momento inicial, a orquestra emerge num ambiente pacato e introspectivo com a exploração tímbrica dos instrumentos e um *crescendo* longo e gradual. De seguida, e com carácter contrastante, desponta um motivo saltitante que permanece durante o momento central da obra. São evocados, esporadicamente, pequenos elementos da secção antecedente. Por último, relembramos a aura tranquila e reflexiva do início e chegamos ao fim num *decrecendo* progressivo — que espelha o que fora apresentado inicialmente.

Apesar da indubitável diferença entre os três momentos da obra, todos eles se relacionam, quer por semelhanças tímbricas quer pela permanência de pequenos fragmentos ao longo de toda a sua duração. *Meligrania* surge, então, como resultado desta reflexão em que, para um todo completo e coeso, todos os grãos são imprescindíveis.

### Jorge Ramos: *Impasto*

Impasto é uma técnica de pintura — em que o pigmento é misturado com óleo e cera de abelha e aplicado sobre a tela em camadas muito espessas, geralmente suficientemente espessas para que os traços do pincel sejam visíveis. Esta técnica faz com que a luz reflita e se comporte de forma distinta, dando ao artista o controlo sobre onde concentrar a luz (e a sombra); pode acrescentar expressividade e movimento à pintura, onde a força e a velocidade com que o artista aplicou a tinta se torna agora visível; e pode transformar o que inicialmente era um desenho bidimensional numa representação tridimensional (quase) escultórica da mesma pintura (porque agora o quadro tem textura e sombras).

Nesta obra relaciono o que aprendi sobre esta técnica de pintura com os meus conhecimentos de música electrónica, baseando-me nas diversas possibilidades tímbricas de sintetizadores analógicos ou digitais. Procurei 'traduzir' o comportamento dos diversos componentes de um sintetizador, que se utilizam para enriquecer o timbre electrónico, para o meio acústico — neste caso, a orquestra de sopros.

Para concluir, tanto a técnica de impasto, na pintura, como os sintetizadores, na criação musical, partilham do mesmo objectivo de possibilitar toda uma nova experiência — e sobretudo dinâmica — ao público, sendo possível vivenciar a mesma obra de maneiras diferentes dependendo de onde nos posicionarmos.

### Rodrigo Cardoso: *Auge*

Esta peça surge de um medo e é sobre um medo. Surge do medo de escrever para uma banda sinfónica, por ser a primeira formação onde actuei como músico. Portanto, o medo de escrever para uma sonoridade que me é muito familiar foi, embora estranho pareça, um dos maiores receios que tive enquanto compositor.

*Auge* é também sobre um medo. O medo do presente e de tudo o que ele acarreta. Um mundo que me assusta cada vez mais pelas suas imensas divergências, extremismos e desumanização. *Auge* é o som que criei enquanto artista que reage ao mundo em que vive. A obra procura explorar diferentes texturas, cores e possibilidades expressivas da Banda Sinfónica, recorrendo a um jogo de contrastes e, ao mesmo tempo, fusões tímbricas. Massas sonoras, focagem e desfocagem são conceitos que tentei explorar nesta peça, num estilo pessoal.

### António Victorino d'Almeida: *Os Desastres da Guerra* (sobre gravuras de Francisco Goya)

*Os Desastres da Guerra* são uma colecção de gravuras habitualmente expostas no Museu do Prado, em Madrid, através das quais o grande pintor espanhol Goya nos leva a visualizar toda a crueza e brutalidade de uma guerra — neste caso, aquela que opôs franceses a espanhóis durante as invasões napoleónicas.

Na História da Pintura, o fenómeno do belicismo é-nos frequentemente apresentado segundo uma óptica de heroicidade ou mesmo de exaltação da guerra: os soldados garbosos que ostentam as armaduras reluzentes e sempre bem oleadas, ou também as armas que trucidam, deceparam, estilhaçam, mas que ali resplandecem à luz de um sol generoso... Do mesmo modo, não haverá quem não recorde, até com emoção, a imagem de Napoleão no seu cavalo branco, espada apontada na direcção da vitória!

São imagens que até dá gosto ver... a despeito da presença de um morto aqui e acolá, para dar ambiente...

Goya, nestas terríveis gravuras a que deu o nome de *Desastres da Guerra*, não toma partido por franceses nem por espanhóis e mostra-nos essencialmente todo o horror e toda a miséria moral dessa guerra, resumindo tudo a seres humanos — ou o que deles resta — que jazem no pó das valas ensanguentadas, ou apenas a membros decepados que pendem dos galhos de uma árvore, numa imagem geral de horror e de vergonha, seja ela para vencedores ou para vencidos...

A crueza atroz do acto bélico é retratada nessas gravuras de Goya com uma violência que exclui por completo qualquer espécie de exaltação patriótica ou ideológica: são apenas desgraçados e mutilados...

As sonoridades mais cruas de uma banda sinfónica talvez possam, quanto a mim, traduzir por música as sonoridades macabras deste desenrolar de atrocidades, apenas interrompido de quando em quando por farrapos melódicos da *Marselhesa* ou eventuais memórias de uma qualquer melodia espanhola...

## Oswaldo Ferreira direcção musical

Na qualidade de maestro convidado, Oswaldo Ferreira apresentou-se recentemente com a Orquestra Filarmónica de São Petersburgo (Rússia), a Orquestra Gulbenkian (Lisboa), a Sinfónica de Nuremberga, a Orquestra da Rádio Renana (Alemanha) e a Orquestra Sinfónica da Venezuela, entre outras.

É director artístico da Orquestra Filarmónica Portuguesa. Em Portugal, exerceu a mesma função na Orquestra do Algarve e no Festival Internacional de Música do Algarve. Gravou vários CD com obras de compositores portugueses para a editora Numérica e um CD duplo com sinfonias de Mozart. Com a Orquestra do Algarve, apresentou-se em Viena, Bruxelas, Lisboa, Sevilha, Porto, Curitiba e Londres. Foi o director musical da Oficina de Música de Curitiba.

No seu percurso destaca-se ainda o trabalho à frente de importantes orquestras: Filarmónica de São Petersburgo, Sinfónica de Roma, Orquestra Gulbenkian, Orquestra de Praga, Filarmónica de Lodz, Filarmónica da Silésia, Sinfónica de Nuremberga, Filarmónica da Rádio Renana, Orquestra Nacional do Porto, Orquestra do Teatro Nacional de São Carlos, Orquestra do Festival de Música de Aspen (EUA) e Orquestra Nacional da Venezuela, entre outras.

Realizou um mestrado em direcção de orquestra em Chicago e uma pós-graduação no Conservatório de São Petersburgo, na classe de Ilya Mussin. Foi laureado, em 1999, no Concurso Sergei Prokofieff (Rússia). Recebeu o “Fellowship” do Festival de Música de Aspen, onde frequentou a American Conductors Academy. Foi assistente do maestro Claudio Abbado em Salzburgo e Berlim. Estudou ainda com Jorma Panula e David Zinman, foi bolseiro do Ministério da Cultura de Portugal e da Fundação Calouste Gulbenkian.

## Banda Sinfónica Portuguesa

Com sede na cidade do Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa teve o seu concerto de apresentação a 1 de Janeiro de 2005 no Rivoli, Teatro Municipal do Porto, onde também gravou o seu primeiro CD, tendo entretanto recebido um importante apoio por parte da Culturporto, da Portolazer e da Ágora na divulgação e expansão do seu projecto nesta cidade. A partir de 2007, a BSP é convidada pela Fundação Casa da Música a apresentar-se regularmente na Sala Guilhermina Suggia, onde tem vindo a interpretar regularmente um conjunto de obras originais de compositores portugueses e estrangeiros, sendo responsável pela execução em primeira audição de mais de meia centena de obras, resultante ainda do seu concurso de composição e de encomendas. Em Abril de 2010, lançou o álbum *A Portuguesa* com obras exclusivamente de compositores portugueses, num concerto realizado no auditório da Faculdade de Engenharia do Porto. Tem vindo a gravar regularmente outros trabalhos, nomeadamente *Traveler* (2011), *Hamlet* (2012), *Oásis* (2013), *Grand Concerto pour Orchestre d'Harmonie* (2014), *Sinfónico* com Quinta do Bill (2015), *Trilogia Romana* (2015), *Porto* (2016), *The Ghost Ship* (2017) e *Night and Day* (2019).

A BSP possibilitou, na maioria dos seus concertos, a apresentação de talentosos solistas nacionais e internacionais, sendo de destacar nomes como Pedro Burmester, Sérgio Carolino, Mário Laginha, Elisabete Matos, Marco Pereira, Jean-Yves Fourmeau, Nuno Pinto, Vicente Alberola, Pierre Dutot, Vincent David, Horácio Ferreira, Rubén Simeó, Vasco Dantas, incluindo vários músicos que integram a formação. Alguns concertos contaram ainda com a participação de vários coros e com grupos como Vozes da Rádio, Quinta do Bill, Quarteto Vintage, European Tuba Trio, entre outros.

Maestros internacionalmente reputados como Jan Cober, José Rafael Vilaplana (maestro principal convidado da BSP), Douglas Bostock, Baldur Brönnimann, Alex Schillings, Marcel van Bree, Rafa Agulló, Dario Sotelo, Henrie Adams, Eugene Corporon e Andrea Loss dirigiram a BSP com enorme sucesso, tendo considerado este projecto como extraordinário e de uma riqueza cultural enorme para Portugal. A BSP tem vindo a receber até ao momento as melhores críticas, não só do público em geral, como também de prestigiados músicos nacionais e estrangeiros. Maestros portugueses como Pedro Neves, Fernando Marinho, Alberto Roque, José Eduardo Gomes, Hélder Tavares, Luís Carvalho, André Granjo, entre outros, dirigiram também a orquestra.

Destaca-se a realização de concertos nas principais salas de espectáculo de norte a sul do país, Igrejas, Santuário de Fátima, bem como na vizinha Espanha — no Teatro Monumental de Madrid (RTVE) e ainda nas cidades de Pontevedra, Corunha, Ávila, Llíria, Lleganés e participações nos Certames Internacionais de Boqueixón e Vila de Cruces (Espanha).

A BSP obteve os 1.<sup>os</sup> prémios no II Concurso Internacional de Bandas de La Sénia na Catalunha (Espanha, 2008), na 1.<sup>a</sup> secção, e na categoria superior (Concert Division) do 60.<sup>o</sup> World Music Contest em Kerkrade (Países Baixos, 2011), com a mais alta classificação alguma vez atribuída em todas as edições daquele que é considerado o “campeonato do mundo de bandas”.

Em 2014, a BSP realizou a sua primeira tournée intercontinental pela China, realizando cinco concertos nas cidades de Hangzhou, Jiangyin, Shaoxing, Ningbo e Jiaxing. Participou em 2017 na qualidade de orquestra de referência no panorama internacional, no 18.º Festival do World Music Contest em Kerkrade e na 17.ª Conferência Mundial da World Association for Symphonic Bands and Ensembles em Utrecht. Realizou em Novembro de 2019 uma digressão às Canárias, actuando em Tenerife e na Gran Canaria.

Outros objectivos passam pela organização de masterclasses de instrumento com professores de reconhecido mérito artístico, bem como Cursos de Direcção (contando-se já 25 edições) orientados pelos prestigiados maestros Marcel van Bree, Jan Cober (Holanda), Douglas Bostock (Inglaterra), José Rafael Vilaplana (Espanha), Eugene Corporon (EUA) e Baldur Brönnimann (Suíça). Em 2017, deu início ao festival BSP Júnior, que reúne anualmente centenas de jovens promissores instrumentistas.

A Banda Sinfónica Portuguesa é uma associação cultural, sem fins lucrativos, apoiada pela Direcção-Geral das Artes. A direcção artística está a cargo do maestro Francisco Ferreira.

#### **Flautas**

Herlander Sousa  
Daniela Anjo  
David Leão (piccolo)

#### **Oboés**

Telma Mota  
Pedro Moreira  
Fernanda Amorim (corne inglês)

#### **Fagotes**

Pedro Rodrigues  
Beatriz Rios

#### **Clarinetes**

Crispim Luz  
Tiago Bento  
Ana Rita Petiz  
Nuno Sousa  
Luísa Marques  
Rui Lopes  
Mário Apolinário  
Rui Soares  
Hélder Tavares  
Sara Costa  
Catarina Pereira  
Alexandre Abreu  
Filipe Pereira (requinta)  
Daniel Amaro (cl. baixo)

#### **Saxofones**

— **Alto**  
José Pedro Gonçalves  
Ana Rita Pereira  
— **Tenor**  
Isabel Anjo  
Lúcio Monteiro  
— **Barítono**  
Marcelo Marques

#### **Trompas**

Nélson Silva  
Hugo Sousa  
Pedro Martins  
Nuno Silva

#### **Trompetes**

Telmo Barbosa  
Carlos Martinho  
Sérgio Pereira  
Tiago Peixoto  
André Santos  
Emanuel Machado

#### **Trombones**

Tiago Nunes  
Joaquim Oliveira  
Diogo Andrade  
Gonçalo Dias (tromb. baixo)

#### **Eufónios**

Nuno Costa  
Luís Gomes

#### **Tubas**

Fábio Rodrigues  
Xavier Novo

#### **Percussão**

Sandro Andrade (tímpanos)  
Pedro Góis  
Jorge Lima  
Luís Santiago  
Paulo Mota  
Tiago Sousa  
Jorge Pereira

#### **Contrabaixo**

Cláudia Carneiro

#### **Piano**

Ana Raquel Cunha

#### **Harpa**

Catarina Rebelo